

INTERDISCIPLINARIDADE E O TERRENO CIENTÍFICO DO CONHECIMENTO E DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Edina Schimansk

PhD em Educação. Professora do Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Estadual de Ponta Grossa
edinaschi@hotmail.com

Jussara Ayres Bourguignon

Prof. Dra. em Serviço Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Estadual de Ponta Grossa
jubourg@yahoo.com.br

Resumo

A reflexão epistemológica sobre a categoria interdisciplinaridade no terreno científico das chamadas ciências sociais e sua articulação com o conhecimento produzido a partir da prática cotidiana dos sujeitos é o cerne desse texto. O presente estudo divide-se em duas partes principais. Na primeira parte discute-se a premissa de que o conhecimento é construído socialmente. Nesse sentido, o interdisciplinar enquanto categoria teórico-metodológica apresenta-se como uma estratégia de pensar a realidade como um processo que leva em consideração a construção do saber. A segunda parte trata da relação da pesquisa com a prática social, tendo a interdisciplinaridade como mediação entre as demandas concretas da dinâmica da realidade e a construção de conhecimento no contexto acadêmico e profissional.

Palavras-chave: interdisciplinaridade – construção do conhecimento – prática profissional

Abstract

The main idea of this article is grounded on the epistemological reflections concerning the interdisciplinary assumptions in the path of social sciences with regards to the construction of knowledge from everyday practice by individuals. The study is divided into two main parts. At the first part will be discussed the assertion that the knowledge is built in a social context. In this sense, the interdisciplinary as a theoretical and methodological category emerges as a strategy to think the reality which is understood as a process that takes into consideration the construction of knowledge. At the second part will be discussed the connection between research and social practice. In this context, the interdisciplinary can be understood as mediation from concrete demands from reality and the construction of knowledge in professional and academic arena.

Keywords: interdisciplinary – construction of knowledge – professional practice

*...em que momento cessa a fala do pesquisador e começa a fala do homem que está sujeito a intenções e vontades, em que momento os argumentos se dirigem ao intelecto e em qual se dirigem ao sentimento. A permanente confusão entre a elucidação científica dos fatos e a reflexão valorativa é uma das características mais difundidas em nossas disciplinas, e também uma das mais prejudiciais.**
(Max Weber)

INTRODUÇÃO

A reflexão epistemológica sobre a categoria interdisciplinaridade no terreno científico das chamadas ciências sociais e sua articulação com o conhecimento produzido a partir da prática cotidiana dos sujeitos é o cerne do presente texto.

Nesse cenário, ciência aqui é compreendida para além das fronteiras herméticas de determinadas pressuposições teórico-metodológicas reducionistas do ponto de vista de compreensão de produção e reprodução do conhecimento e do fazer ciência. Contrariamente, o texto busca compreender ciência e sua relação com o conhecimento a partir de uma perspectiva dialética e de totalidade, bem como de participação efetiva do sujeito que constrói conhecimento. Nessa direção, a relação com o interdisciplinar ganha destaque na produção do saber nas ciências sociais como forma de objetivação e transformação do próprio sujeito. Assim, o fazer ciência, sobretudo a partir de processos interdisciplinares, deve levar em consideração a conjunção entre as diferentes formas de saber e as diversas disciplinas que compõem a construção do conhecimento.

Se como aponta Weber (1998), o conflito entre a explicação científica dos fatos e a reflexão valorativa (subjetiva) é uma das características mais presentes nas disciplinas, é também uma das mais nocivas, na medida em que há uma tendência de cada disciplina de se fechar em si e não conseguir avançar em termos de compreensão da totalidade dos fenômenos. Dentro dessa discussão o papel do multidisciplinar, do polidisciplinar e do interdisciplinar, cada um na sua medida, e mais recentemente do transdisciplinar, teve um significado histórico na academia e nos processos de construção de saber.

No caso da interdisciplinaridade, Fazenda (1998,2008) aponta que epistemologicamente a trajetória dessa categoria pode ser situada em três grandes momentos históricos: o momento de sua definição conceitual (natureza filosófica), isto é, na aceção terminológica que ocorreu nos anos de 1970; em seguida na década de 1980, na explicitação

* Marx Weber em *A 'objetividade' do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política*. Weber escreveu esse texto em 1904 e embora passado mais de um século (desconsiderando o sexismo da época) é surpreendente a atualidade da assertiva weberiana.

da metodologia do interdisciplinar e sua aplicabilidade (matriz sociológica) e nos anos de 1990 na construção de uma clara orientação da ciência para uma mudança de consciência que apontava a subjetividade do conhecimento como algo plausível (projeto antropológico). Assim, para Fazenda (2008:34), foi *a partir da constatação de que a condição da ciência não está no acerto, mas no erro, passou-se a exercer e a viver a interdisciplinaridade das mais inusitadas formas*. O final do século XX foi, portanto, um grande momento de estruturação da categoria interdisciplinar do ponto de vista epistemológico e da sua validação na academia.

É sabido que o momento presente da ciência tem apontado a transdisciplinaridade como um novo paradigma capaz de dar respostas para o problema da fragmentação do saber. Entretanto, é importante salientar que a discussão sobre o interdisciplinar não está esgotada e que, portanto, essa categoria ainda é bastante proeminente e coeva no contexto da ciência na sociedade contemporânea.

Destarte, a interdisciplinaridade é o epicentro da discussão epistemológica entre saber e prática que se configura no presente texto, o qual está dividido em duas partes principais. Na primeira parte discute-se a premissa de que o conhecimento é construído socialmente. Nesse sentido, o interdisciplinar enquanto categoria teórico-metodológica apresenta-se como uma estratégia de pensar a realidade como um processo que leva em consideração a construção do saber. Na segunda parte discute-se a relação da pesquisa com a prática social, tendo a interdisciplinaridade como mediação entre as demandas concretas da dinâmica da realidade e a construção de conhecimento no contexto acadêmico e profissional.

1. COLAPSO NO SISTEMA DISCIPLINAR OU EMERGÊNCIA DE UM NOVO PARADIGMA?

Na atualidade, quando se trata da ideia de construção do conhecimento e sua relação com a consolidação entre ciência e sociedade, algumas perguntas não podem deixar de serem feitas: *1) O sistema disciplinar está falido? 2) Há uma derrocada na chamada multidisciplinaridade? 3) O princípio interdisciplinar está em crise? 4) A transdisciplinaridade é o paradigma emergente? 5) Qual a relação conhecimento-sociedade?* Estes são exemplos de tantas outras perguntas que poderiam ser arroladas na relação entre objetividade do conhecimento, ciência e sociedade.

O conhecimento está envolto em um cenário epistemológico intrincado e a realidade empírica é muito maior que qualquer teoria que queira interpretá-la. Portanto, não se tem aqui a pretensão de responder às questões acima esboçadas peremptoriamente, pois se assim o fosse, tal inscrição estaria entrando em um artifício teórico-metodológico de cunho estritamente positivista de busca de verdades totais e irrestritas.

Diversamente, a principal ideia aqui é produzir um cenário reflexivo, no qual diferentes elementos que compõem a esfera científico-social sejam relativizados e possa de forma dialética contracenar e apontar nuances no que se refere ao objeto do presente estudo.

Sem dúvida, não se pode falar em ciência sem antes pensar no seu caráter disciplinar e, a partir disso, nas diferentes configurações que daí derivam: o multidisciplinar, o pluridisciplinar, o interdisciplinar e o transdisciplinar. Cada uma dessas categorias tem um conceito singular, o qual pode apontar algumas direções a serem tomadas pela ciência. Porém, antes de adentrar na seara conceitual é preciso primeiro compreender um pouco mais o desenvolvimento do pensamento humano. Para ilustrar observe-se a seguinte história Indiana, contada pelos antepassados.

Uma história interessante...

Numa cidade da Índia viviam seis sábios cegos. Como os seus conselhos eram sempre excelentes, todas as pessoas que tinham problemas recorriam à sua ajuda. Embora fossem amigos, havia uma certa rivalidade entre eles que, de vez em quando, discutiam sobre qual seria o mais sábio. Certa noite, depois de muito conversarem acerca da verdade da vida e não chegarem a um acordo, o sexto sábio ficou tão aborrecido que resolveu ir morar sozinho numa caverna da montanha. Disse aos companheiros:

- Somos cegos para que possamos ouvir e entender melhor as outras pessoas e a verdade da vida. E, em vez de aconselhar os necessitados, vocês ficam aí discutindo como se quisessem ganhar uma competição. Não aguento mais! Vou-me embora.

Um dia, chegou à cidade um comerciante montado num enorme elefante. Os cegos nunca tinham tocado nesse animal e correram para a rua ao encontro dele.

O primeiro sábio apalpou a barriga do animal e declarou:

- Trata-se de um ser gigantesco e muito forte! Posso tocar nos seus músculos e eles não se movem; parecem paredes...

- Que palermice! – disse o segundo sábio, tocando nas presas do elefante. – Este animal é pontiagudo como uma lança, uma arma de guerra...

- Ambos se enganam – retorquiu o terceiro sábio, que apertava a tromba do elefante. – Este animal é idêntico a uma serpente! Mas não morde, porque não tem dentes na boca. É uma cobra mansa e macia... Vocês estão totalmente alucinados! – gritou o quarto sábio, que mexia nas orelhas do elefante. – Este animal não se parece com nenhum outro. Os seus movimentos são bamboleantes, como se o seu corpo fosse uma enorme cortina ambulante...

- Vejam só! – Todos vocês, mas todos mesmos estão completamente errados! – irritou-se o quinto sábio, tocando a pequena cauda do elefante.

– *Este animal é como uma rocha com uma corda presa. Posso até pendurar-me nele.*

E assim ficaram horas debatendo, aos gritos, os sábios. Até que o sexto sábio cego, o que agora habitava a montanha, apareceu conduzido por uma criança. Ouvindo a discussão, pediu ao menino que desenhasse no chão a figura do elefante. Quando tateou os contornos do desenho, percebeu que todos os sábios estavam certos e enganados ao mesmo tempo. Agradeceu ao menino e afirmou:

- É assim que os homens e mulheres se comportam perante a verdade. Pegam apenas numa parte, pensam que é o todo, e continuam tolos!

(adaptado de <http://coachingsp.wordpress.com/2009/08/12/parabola-hindu-os-cegos-e-o-elefante/>)

A história acima remete a pensar que o conhecimento vem da experiência que o sujeito estabelece na sua relação com o mundo – praxis¹. O arcabouço cognitivo é construído a partir da percepção das relações sociais cotidianas. A realidade experimentada concentra o significado que o sujeito dá ao mundo e, por consequência, o sentido que o conhecimento ganha na esfera social e científica. Assim, o conhecimento é a assimilação de uma estrutura de objetos ou ideais como dados, isto é, como fatos ou como ideias.

O saber enquanto categoria teórica abarca o conhecimento. Assim, o saber pressupõe mais do que ter conhecimento. Antes de qualquer coisa, implica em como o conhecimento será utilizado no cotidiano e, ainda, de que maneira o ele gera a transformação do sujeito cognoscente e do entorno. O colapso no sistema de produção do conhecimento, portanto, não está no disciplinar ou no multidisciplinar e nem sequer no interdisciplinar, mas na forma como os sujeitos constroem, se apropriam e reproduzem o conhecimento.

2. DO DISCIPLINAR AO TRANSDISCIPLINAR: UM CONCEITO EM EVOLUÇÃO

O conceito de disciplina (ou disciplinar) enquanto categoria axiomática remonta à Antiguidade. Segundo Jaeger (1986), na Grécia Antiga o conhecimento era separado por disciplinas: o *trivium* – relacionado à linguagem (gramática, retórica e dialética ou lógica) e o *quadrivium* – correspondendo às artes matemáticas (geometria, aritmética, música e

¹ Praxis aqui concebida a partir da ideia de liberdade (KOSIK, 1995), na qual a compreensão da ação apresenta-se para o sujeito não como a algo aprioristicamente dado, mas como processo dialético concreto que desvela a pseudoconcreticidade do fenômeno aparente. O sujeito ao fazer ciência – conhecimento – a faz não sem esforço. Na prática concreta do cotidiano o conhecimento não emerge por transportação, mas se constrói a partir de idas e vindas do pensamento (*détour*).

astronomia). O *trivium* somado ao *quadrivium* formava as Sete Artes Liberais². Vale lembrar que para os gregos, embora o desenvolvimento do raciocínio (cogito) fosse dividido disciplinarmente, o que se tinha era uma proximidade entre os conhecimentos, isto é, uma busca pela totalidade. O conhecimento estava contemplado em tudo que rodeava o mundo grego: na natureza, no divino, no mito, na arte e dentro do próprio sujeito. Vale lembrar aqui a ideia de *maiêutica socrática*, na qual o conhecimento deve ser parido do sujeito.

De forma diferente, na Idade Média René Descartes em *Discurso do Método* (1637) propõe a ideia de dissolução das partes para compreensão de um problema complexo. Assim, dos preceitos que compõem a lógica dedutiva para Descartes, a premissa de separação do todo em partes aparece metodologicamente preciso no pensamento cartesiano:

(...) dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.
(...) conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.
(...) o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir. (Descartes, 1973)

Também Francis Bacon em *Novum Organum* (1620) propunha o processo de redução através da indução da razão para se chegar à verdade na ciência. Diferente de Descartes (racional), Bacon (empiricista) indicava a experiência como fonte do conhecimento. Em Descartes a experiência é apenas parte do contexto do conhecimento a ser formulado. Ainda que, com essas diferentes pressuposições sobre a valoração da experiência do sujeito no contexto da ciência, para ambos os filósofos que foram contemporâneos, o conhecimento emanava como algo socialmente fragmentado e disciplinar. Bacci e Pataca (2008) ressaltam que:

Francis Bacon já idealizava uma divisão do conhecimento, estruturada em três grandes grupos: memória (história), razão (filosofia ou ciência) e imaginação (poesia, ou artes como concebido atualmente). O que é entendido hoje como ciência relacionava-se à razão e à memória, onde ambas eram divididas em três partes: a ciência de Deus, a ciência do homem e a ciência da natureza (Bacci e Pataca, 2008:214).

² As chamadas artes liberais formavam o mote de disciplinas que visavam a busca incessante do conhecimento e dos métodos na ciência. Assim: “*The later division of the seven tree arts into the Trivium and Quadrivium also indicates that their teaching [the Greek people] was divided into two complementary groups of subjects.*” (Jaeger, 1986)

Com a Revolução Industrial e o avanço da ciência (ou pelo menos de um tipo de se fazer ciência) a especialização do conhecimento tornou-se angularmente difundida – a razão positiva instaurada pelo positivismo, sobretudo de Comte, reforçou consideravelmente a fragmentação disciplinar da ciência. Assim, ainda de acordo com Bacci e Pataca (2008):

Foi após a Revolução Industrial que o movimento de especialização ou fragmentação do conhecimento tornou-se mais intenso. A divisão social do trabalho em nossa sociedade contemporânea levou a uma fragmentação cada vez mais intensa do conhecimento em várias disciplinas isoladas, que se relacionam, muitas vezes, aos diversos setores da produção industrial. A própria sociedade fragmentou-se em grupos sociais distintos, tornando-se cada vez mais desigual e heterogênea. (Bacci e Pataca, 2008:214).

Nesse cenário, o multidisciplinar – que seria na mais e nada menos que a ligação de diferentes disciplinas em torno de um propósito comum – ganha relevo, sobretudo a partir da necessidade das distintas áreas de conhecimento de se unirem para responder a um determinado problema ou situação. Nesse caso, o multidisciplinar ou o polidisciplinar estabelece uma agregação em torno de objeto comum.

Para Morin (2003:115) a multidisciplinaridade pode ser definida como:

... uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns; as disciplinas ora são convocadas como técnicos especializados para resolver tal ou qual problema; ora, ao contrário, estão em completa interação para conceber esse objeto e esse projeto, como no exemplo da hominização. (MORIN, 2003, 115)

Dentro da lógica de conjunto das disciplinas, é importante mencionar que a ideia do multi³ ou polidisciplinar⁴ representa um avanço no terreno científico, considerando que a junção de diferentes disciplinas daria a imagem (mesmo que parcial) de interação entre os saberes fragmentados pela teoria e prática disciplinar. Neste cenário tênue de interação disciplinar, o multidisciplinar representa uma conjunção de diferentes elementos. Aqui vale a pena perguntar: *Em que medida há um avanço a partir da interdisciplinaridade?*

- O interdisciplinar supõe a superação da fragmentação e do caráter fracionado da ciência;

³ Multidisciplinar – representa a gama de disciplinas propostas simultaneamente, não há, entretanto, relações entre elas (Japiassu, 1976).

⁴ Polidisciplinar – representa a justaposição de diferentes e diversas disciplinas, as quais se encontram no mesmo patamar hierárquico (em termos de produção de conhecimento e prática) . Essas disciplinas apresentam-se conjugadas e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas (Japiassu, 1976).

- Entende-se, portanto, que o interdisciplinar como componente integrador de um grupo de disciplinas associadas e definidas a partir de um nível hierárquico seguidamente superior – isso é que introduz no processo de construção do conhecimento a imagem de finalidade (escopo) e, portanto, objetivação da relação teoria-prática;
- No interdisciplinar os objetivos são múltiplos, porém busca-se atender a um fenômeno objetivado, o qual estaria em um nível superior - a chamada interdisciplinaridade.

Levando em consideração o acima exposto, é preciso argumentar que superar o caráter empiricista e especializado do conhecimento, o qual tem raízes profundas no positivismo, tem representado um desafio para as ciências, e, sobretudo para as ciências sociais e humanas. Goldmann em *Dialética e Cultura* (1979) argumenta que a visão interdisciplinar, dentro de um contexto de historicidade e do próprio materialismo histórico dialético, apreende melhor a totalidade dos fenômenos superando a dicotomia entre os diferentes tipos de conhecimento.

Como foi dito anteriormente, o cenário onde atuam os elementos que compõem a região fronteira entre os elementos disciplinares e para além deles são terrenos extremamente complexos na esfera da ciência. O próprio Morin (2003) destaca que os termos interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade são,

... difíceis de definir, porque são polissêmicos e imprecisos. Por exemplo: a interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas são colocadas em volta de uma mesma mesa, como diferentes nações se posicionam na ONU, sem fazerem nada além de afirmar, cada qual, seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho. Mas interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica. (MORIN, 2003: 115)

Finalmente, por uma questão didática óbvia (mas não somente por isso) é importante tecer algumas considerações sobre o transdisciplinar. Sem dúvida nenhuma, ninguém melhor que o próprio Morin (2003) para conceituar a transdisciplinaridade.

No que concerne à transdisciplinaridade, trata-se freqüentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, as vezes com tal virulência, que as deixam em transe. De fato, são os complexos de intermulti-trans-disciplinaridade que realizaram e desempenharam um fecundo papel na história das ciências; é preciso conservar as noções chave que estão implicadas nisso, ou seja, cooperação; melhor, objeto comum; e, melhor ainda, projeto comum. Enfim, o importante não é apenas a idéia de inter- e de transdisciplinaridade. Devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é,

levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se. É necessário também o “metadisciplinar”; o termo “meta” significando ultrapassar e conservar. Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada. (Morin, 2003: 115)

O projeto arrojado da transdisciplinaridade constitui-se, portanto, da composição de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema embasado em uma axiomática comum. A ideia é a organização de um sistema de disciplinas de níveis e objetivos múltiplos, com uma finalidade comum dos preceitos. Neste sentido, o transdisciplinar tem um enfoque pluralista, o qual visa em uma instância mais elaborada a unificação das disciplinas, ou seja, do saber em si. A transdisciplinaridade estaria, portanto, em um patamar mais elevado do ponto de vista da atitude epistemológica.

O fato é que há muito para caminhar para fazer uma boa relação interdisciplinar, quanto mais uma relação transdisciplinar. Nesse sentido, é prudente afirmar que nem o disciplinar está falido e nem que o interdisciplinar é uma conquista fácil. Muito menos ainda seria prudente afirmar que o transdisciplinar veio substituir o interdisciplinar. São diferentes instâncias que vão sendo construídas no decorrer da experiência dos sujeitos na sua relação com a chamada ciência.

Neste contexto, surge o sujeito conhecedor (a) coletivizado(a) que rompe com a ideia de separação disciplinar visando uma perspectiva de emancipação social.

O primeiro passo para a aquisição conceitual interdisciplinar seria o abandono das posições acadêmicas prepotentes, unidirecionais e não rigorosas que fatalmente são restritivas, primitivas e "tacanhas", impeditivas de aberturas novas, camisas-de-força que acabam por restringir alguns olhares, tachando-os de menores. Necessitamos, para isso, exercitar nossa vontade para um olhar mais comprometido e atento às práticas pedagógicas rotineiras menos pretensiosas e arrogantes em que a educação se exerce com competência. (Fazenda, 1998 :13)

Nada mais oportuno que trazer a tona nesse momento uma reflexão sobre a praxis, enquanto uma categoria filosófica no contexto da tradição crítica que aponta para ação transformadora de um sujeito que se coloca como protagonista no contexto das relações sociais. Através da praxis o sujeito se transforma, pois objetiva-se de forma crítica e criativa

através do processo de produção de conhecimento, gerando novas possibilidades e respostas aos desafios que o movimento sócio-histórico da realidade impõe ao ser humano.

Práxis, portanto, é processo decorrente da prática social humana. Expressa processos de criação e transformação de um sujeito coletivo e, como atividade objetiva, é orientada por uma finalidade de transformar matérias-primas presentes no mundo natural, social e cultural, na medida em que se transformam em objetos de atenção de um ser que é social e historicamente determinado.(BOURGUIGNON, 2008, p. 69)

Enquanto dimensão e expressão da práxis, o processo de produção de conhecimento via pesquisa científica possibilita a reprodução teórica dos fenômenos naturais e sociais, destacando que sua finalidade mais imediata é teórica, no entanto, é mediada pela prática investigativa de fenômenos sociais e históricos concretos. Nesta perspectiva a relação dialética entre conhecimento e realidade social tem nas práticas sociais, especificamente nas práticas profissionais, um meio de cumprir sua finalidade transformadora.

- **Para além dos conceitos – articulando pesquisa e práticas profissionais**

A interdisciplinaridade tem sido uma demanda para os que atuam no âmbito da formação profissional, da pesquisa ou no contexto das políticas públicas, como profissionais da área social. Tomando a formação profissional como referência, a cada dia surgem novas demandas para pesquisa. Tais demandas forçam a busca de novas referências, revisitando as bases da formação e os paradigmas que orientam processos de compreensão da realidade. Como exemplo temas voltados para cultura, mídia, gênero, conflitos intergeracionais, redes sociais, os quais exigem, no mínimo, leituras dialogadas entre diferentes áreas de conhecimento (Comunicação, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Jurídica, entre outras).

Por outro lado, no campo das políticas públicas temos observado que a exigência é de práticas interdisciplinares. Esse é o caso da Política de Saúde, da Política Educação, bem como de outras políticas. Como exemplo mais recente tem-se o SUAS – Sistema Único de Assistência Social que aponta para um fato concreto: A Política Pública de Assistência Social passa a ser um espaço interventivo de outros profissionais que não só o do assistente social, profissão que tem este espaço como privilegiado de sua intervenção profissional. Passa a ser, também, espaço de ação da Psicologia, da Pedagogia e do Direito. Portanto, não se trata apenas de um trabalho interdisciplinar, do ponto de vista do diálogo entre diferentes áreas profissionais. É mais que isso. Hoje a prática profissional no campo da política pública de

Assistência Social *requer interface com as políticas da saúde, previdência, educação, trabalho, lazer, meio ambiente, comunicação social, segurança e habitação, na perspectiva de mediar acesso dos(as) cidadãos(ãs) aos direitos sociais* (CFESS, 2010, p.24). Neste caso, avança para a dinâmica da intersectorialidade .

Então, não é por acaso que a interdisciplinaridade passa a ser foco de reflexão e debate. É por força das dinâmicas sócio-históricas que profissionais, docentes e discentes tem se debatido com os desafios da interdisciplinaridade.

Nas condições sócio-econômicas de existência dos cidadãos, nos desenhos das políticas públicas, nos processos de formação profissional que as profissões e a academia têm sido chamadas a romper com sua formação disciplinar e a pensar em alternativas de intervenção e de pesquisa que deem conta das demandas sociais complexas e multifacetadas. No caso da Política Pública de Assistência Social observa-se, conforme CFESS (2010) coloca, que:

As abordagens das profissões podem somar-se com intuito de assegurar uma intervenção interdisciplinar capaz de responder a demandas individuais e coletivas, com vistas a defender a construção de uma sociedade livre de todas as formas de violência e exploração de classe, gênero, etnia e orientação sexual. Ao integrar a equipe dos(as) trabalhadores no âmbito da política de Assistência Social, os(as) profissionais podem contribuir para criar ações coletivas de enfrentamento a essas situações, com vistas a reafirmar um projeto ético e sócio-político de uma nova sociedade que assegure a divisão equitativa da riqueza socialmente produzida.(CFESS, 2010:24)

Em função das demandas concretas, os(as) profissionais são obrigados a dialogar e a vivenciar no concreto e no cotidiano os dilemas próprios e inerentes à interdisciplinaridade. E, estas vivências têm colocado profissionais, docentes e discentes em permanente estado de alerta e desafio. O que é bastante gratificante, pois é “da relação desafiadora e inquietante com outras áreas de conhecimento e que se dá no cotidiano que emerge uma experiência concreta capaz de ampliar horizontes profissionais e de redefinir objetos de atenção no âmbito da pesquisa e da intervenção[...]” (BOURGUIGNON,2008:117).

Destaca-se aqui, entretanto, que não é porque há tantas demandas e frentes de trabalho interdisciplinares que se precisa ignorar origens em termos de formação e de natureza profissional. Como Minayo (2010) já afirmou um bom diálogo e trabalho interdisciplinar envolve uma boa e sólida formação disciplinar.

A interdisciplinaridade não descarta o domínio disciplinar de uma área de conhecimento que pauta práticas profissionais e pesquisa social. Precisa-se ter boa formação disciplinar com abertura ao pluralismo e ao exercício de diálogos interdisciplinares.

É preciso, então, ter-se bem claro que a “interdisciplinaridade não ignora as diferenças entre objetos das distintas disciplinas, ciências, áreas; porém, entende que o que os une é mais importante do que as diferenças que os separam”. A partir deste raciocínio, a interdisciplinaridade também não desconsidera o especialista, porém “o concebe num contexto global da sociedade e da realidade humana”, por entender que “o profissional seguro em sua formação básica específica tende a ser o mais aberto para entender o valor da contribuição do diferente. (MUNHOZ, 2005 apud MUNHO e OLIVEIRA JUNIOR, 2009: 17)

Em complemento, conforme coloca Fazenda (2001:12), todo *projeto interdisciplinar competente nasce de um lócus bem delimitado; portanto, é fundamental contextualizar-se para poder conhecer*. Por isso, é importante explicitar sempre de onde se fala. Fazenda (2001:14) alerta que: “Conhecer o lugar de onde se fala é condição fundamental para quem necessita investigar como proceder ou desenvolver uma atitude interdisciplinar na prática cotidiana” (2001,14). Avançando para este debate, como bem diz Fazenda (2001, 11) é necessário construir uma nova atitude diante da questão do conhecimento. Uma atitude de “[...]abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão[...] E isto tem exigido do pesquisador atento e comprometido com processos emancipatórios[....] uma profunda imersão no trabalho cotidiano”.

Em relação à pesquisa e suas contribuições ao processo de construção de conhecimento cabe perguntar: *O que garante a coerência, consistência e objetivação de um trabalho acadêmico de natureza interdisciplinar?* Algumas possibilidades de respostas, dentre muitas outras, devem ser colocados para reflexão:

- a necessária articulação da pesquisa com as demandas concretas da realidade social;
- a consistência da metodologia de pesquisa;
- o caráter intersubjetivo do exercício interdisciplinar.

Ao se colocar estas possibilidades em primeiro plano evidencia-se em debate a concepção de pesquisa e a concepção de metodologia de cada área de conhecimento, as quais

são por natureza diferentes e precisam ser reconstruídas. E, para serem reconstruídas precisam ser ouvidas e trocadas.

Em relação ao primeiro ponto (concepção de pesquisa), tendo como referência que objeto de atenção das Ciências Sociais é a dinâmica complexa das relações sócio-históricas e as múltiplas expressões da questão social, considera-se que a pesquisa:

[...] é exercício sistemático de indagação da realidade observada, buscando conhecimento que supere nossa compreensão imediata, com um fim determinado e que fundamenta e instrumentaliza o profissional a desenvolver práticas comprometidas com mudanças significativas no contexto em que se insere e em relação à qualidade de vida do cidadão. (BOURGUIGNON, 2008, 15)

Como questionamento sistemático, a pesquisa sinaliza para o estabelecimento de diálogo crítico e criativo permanente com a realidade, gerando aproximações às requisições das diferentes práticas profissionais. Demo (1997) traz nesta perspectiva uma importante contribuição, a de que a pesquisa envolve um princípio educativo e científico.

Na condição de princípio científico, pesquisa apresenta-se como instrumentação teórico-metodológica para construir conhecimento. Como princípio educativo, a pesquisa perfaz um dos esteios essenciais da educação emancipatória, que é o questionamento sistemático crítico e criativo. (DEMO, 1997, 33)

E ainda, estas aproximações conceituais convidam a todos a pensar o quanto o exercício de pesquisar de forma interdisciplinar é desafiante e tem um caráter educativo, ou seja, força a construção de caminhos teóricos e metodológicos inovadores. O que leva a debater o segundo ponto em questão: a metodologia, como elemento chave para construção da relação interdisciplinar. É preciso esclarecer que aqui a metodologia não é entendida como conjunto de procedimentos operacionais necessários ao desenvolvimento das pesquisas em diferentes áreas e sim como:

[...] resultado de um processo de construção e reconstrução em que o pesquisador movimenta o conhecimento teórico acumulado, sua experiência em pesquisa social, o domínio dos instrumentos necessários ao alcance de seus objetivos e rigor com o processo de análise do conjunto dos materiais empíricos coletados. (BOURGUIGNON, 2009, p. 7)

Perpassa a concepção de metodologia a experiência, a visão de mundo e valores éticos que o orientam a capacidade crítica e criativa em relação ao objeto de estudo e a potencialidade de desvelar processos e dinâmicas sociais inerentes à sua natureza.

Tão importante quanto o produto de uma ação exercida é o processo e, mais que o processo é necessário pesquisar o movimento desenhado pela ação exercida – somente com a pesquisa dos movimentos das ações exercidas poderemos delinear seus contornos e seus perfis.(FAZENDA, 2001, p. 15)

O terceiro ponto (intersubjetividade) coloca em questão a capacidade que precisa ser exercitada: da escuta ativa e consciente do outro sujeito envolvido neste processo, isto é, aquela escuta atenta e paciente da experiência e do conhecimento acumulados pelo outro, sem reservas e com possibilidades de interagir com esse conhecimento e experiência que é diferente e ao mesmo tempo desafiador. Isto tem algumas implicações e a principal delas é o caráter intersubjetivo do exercício interdisciplinar na pesquisa social e na intervenção. Munhoz (1996, p. 167) alerta sobre isto:

Falar em interdisciplinaridade supõe conceber-se, subjacente a essa temática, a intersubjetividade, o que remete à necessidade de relação entre sujeitos; isso porque as diferentes disciplinas/profissões se expressam no real, na prática, como singularidades, através de sujeitos. E embora no plano teórico a relação interdisciplinar seja, em tese, perfeitamente aceita e viável quanto à sua exequibilidade prática, são os sujeitos singulares que podem fazer com que a relação entre as diferentes profissões ultrapasse o terreno da simples vizinhança pacífica, e mesmo da tolerância – expressas, essa simples vizinhança e essa tolerância pela multidisciplinaridade [.....] A interdisciplinaridade se alicerça no entendimento do outro como consciência que tem percepções e visões de mundo compatíveis ou não com as nossas, mas com quem podemos discutir.⁵

Munhoz (1996) ainda complementa que:

[...]a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de integração real dos conhecimentos dessas diferentes disciplinas/profissões. Além disto, a interdisciplinaridade vai além do simples monólogo de especialistas ou do “diálogo paralelo” e tem como horizonte “o campo unitário do conhecimento”. O alcance do nível de relações interdisciplinares supõe a passagem por “graus sucessivos de cooperação e de coordenação crescentes”, até a obtenção de “interações propriamente ditas”, isto é, de certa reciprocidade os intercâmbios, de tal

⁵ Japiassu afirma: *Tanto o multi – quanto o pluridisciplinar realizam apenas um agrupamento, intencional ou não de certos módulos disciplinares, sem relação entre as disciplinas (o primeiro) ou com algumas relações (o segundo)a Transdisciplinaridade seria uma etapa superior, onde as fronteiras disciplinares seriam superadas* (apud MUNHOZ, 1996, 168 e 170).

forma que, no final do processo interativo cada disciplina saia enriquecida (MUNHOZ, 1996, 168).

Epistemologicamente, destaca-se que esta interação possibilita trocas permanentes quanto a procedimentos metodológicos, facilitando uma relação crítica e consciente entre os diversos ramos do saber. Destas reflexões pode-se apontar alguns lembretes fundamentais em relação à pesquisa nas Ciências Sociais, especialmente em relação à busca de articulação entre a formação acadêmica e os processos interventivos na realidade social. Seriam eles:

- que a problemática da pesquisa nasça da experiência concreta, forçando a revisitar esta vivência com base em outros parâmetros teóricos e metodológicos que extrapolem a própria área de conhecimento. Esta medida ajuda a pensar a problematizar o objeto de estudo;
- construir metodologias de pesquisa que ampliem a experiência dos pesquisadores. É possível construir propostas de pesquisa que propiciem maior diálogo entre sujeitos envolvidos no processo e entre áreas de conhecimento;
- cuidar da elucidação dos conceitos, deixando claro os parâmetros teóricos que fundamentam o diálogo interdisciplinar;
- trazer os diferentes sujeitos que se envolvem no processo da pesquisa com mais força, a partir de metodologias que propiciem participação, porque suas experiências alargam as perspectivas teóricas;
- respeitar o pluralismo teórico-metodológico, enquanto diálogo crítico entre referenciais, mas com clareza de que é preciso um eixo consistente e teórico orientador deste diálogo. Pluralismo como “[...]sinônimo de abertura para o diferente, de respeito pela posição alheia, considerando que essa posição, ao nos advertir para os nossos erros e limites, e ao fornecer sugestões, é necessária ao próprio desenvolvimento da nossa posição e, de modo geral, da ciência”. (COUTINHO *apud* MUNHOZ, 1996, 167)

A interdisciplinaridade força:

- ampliação do exercício da atitude investigativa em uma perspectiva crítica;
- desestabilização dos conhecimentos departamentais (Munhoz, 1996, p. 169)
- reinvenção das formas como os fenômenos sociais são interpretados e conseqüentemente reinvenção das práticas profissionais e sociais nos espaços que pesquisadores ocupam na sociedade;

- rompimento com hierarquias pré-estabelecidas em relação aos domínios teóricos e metodológicos;
- exercício da escuta ativa e atenta das experiências de *outrem* em diferentes espaços acadêmicos e decorrentes de diferentes práticas sociais e profissionais, tendo como referência o diálogo interdisciplinar. Conforme Demo (1999,39) coloca, [...] *dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento do outro para si, e de si para o outro[..]*. em um contexto permanente de trocas entre diferentes áreas de saber e entre diferentes experiências profissionais.

A interdisciplinaridade implica em uma *ATITUDE* possível diante do conhecimento.

Atitude de busca de alternativas para conhecer mais e melhor [...]; atitude de reciprocidade que impele à troca, ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo; atitude de humildade diante da limitação do próprio saber; atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes; atitude de desafio diante do novo, desafio de redimensionar o velho; atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e as pessoas neles implicadas; atitude, pois, de compromisso de construir sempre da melhor forma possível; atitude de responsabilidade.[...] (FAZENDA, 1999 apud MUNHOZ e OLIVEIRA JUNIOR, 2009, p. 13)

Tomando a questão da responsabilidade, é preciso ter a intenção política de alimentar as práticas sociais e nelas as profissionais, de retornar à realidade que sustentou a produção do conhecimento e mobilizar ações que transformem esta realidade, seus sujeitos individuais e coletivos, seus conhecimentos, as profissões e os profissionais, alargando seus horizontes e potencializando seus objetivos, suas competências e habilidades profissionais (BOURGUIGNON, 2009)

Para finalizar Fazenda (2001), ao expor os princípios que subsidiam uma prática interdisciplinar, destaca delas a coragem. É preciso ter coragem! Assim, a “*coragem para nos desencastelar dos muros da academia, para retirar com cuidado o pó das velhas pesquisas, para exercitar com cautela e espera a provocação das mudanças e para nos realimentar com esse trabalho, preparando-nos para pesquisas mais ousadas*”(FAZENDA, 2001, 22). Complementando, é preciso propor pesquisas que contribuam não só para o desenvolvimento pessoal e profissional, mas que contribuam para a construção de conhecimento sustentado em valores como democracia e justiça social.

CONCLUSÃO

A interdisciplinaridade está na pauta do debate acadêmico contemporâneo, inquietando pesquisadores (as), professores (as), profissionais e alunos (as) que buscam respostas consistentes e coerentes frente à complexidade das demandas societárias. Na busca destas respostas, cada vez mais, os objetos de investigação e/ou de intervenção profissionais exigem diálogos mais produtivos entre as diferentes áreas de conhecimento, colocando em crise concepções de pesquisa, de metodologia, bem como as práticas sociais que direta ou indiretamente se alimentam dos conhecimentos produzidos pela academia.

Esta perspectiva é promissora. De um lado impulsiona para renovação do discurso e práticas acadêmicas, chama a academia para mergulhar na realidade social, comprometendo-se com suas transformações. Por outro lado motiva profissionais atuantes nos diversos espaços sociais a exercitar a atitude investigativa, buscando garantir maior consistência e criticidade às suas intervenções. Do diálogo entre a pesquisa e a prática profissional, mediado pela interdisciplinaridade, a possibilidade é de que todos (as) possam trilhar *um terreno fértil, dialogado, entre prática profissional e pesquisa.*

Referências

- BACCI, D. de La PATACA, E. 2008 **Educação para a água.** Estudos Avançados 22(63), São Paulo
- BOURGUIGNON, J. (org). (2009) **Pesquisa Social:** reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra Editora,
- (2008) **A Particularidade Histórica da Pesquisa no Serviço Social.** São Paulo/Ponta Grossa: Veras Editora/Editora UEPG,
- (2006) O processo da pesquisa e suas implicações teórico-metodológicas. **Revista Emancipação.** Editora UEPG.
- CFESS, Conselho Federal de Serviço Social, 2010. **Parâmetros para atuação de Assistentes Sociais na Política de Assistência Social.** Série Trabalho e Projeto Profissional nas Políticas Sociais. Brasília,
- DEMO, P. (1999) **Pesquisa:** princípio científico e educativo. 6ª ed. São Paulo: Cotez Editora,
- (1997) **Pesquisa e Construção de Conhecimento:** metodologia científica no caminho de Habermas, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,
- DESCARTES, R. **Discurso do método.** Versão digitalizada. Traduzida por Guinsburg, J. e Prado Jr, B. <http://www.consciencia.org/o-discurso-do-metodo-rene-descartes>, acessada em 26.07.2012

- FAZENDA, I. (org) (2001) **Interdisciplinaridade**: dicionário em construção. São Paulo: Cortez Editora.
- FAZENDA, I. (1998) **A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores** IN: FAZENDA, I (ORG.). Didática e interdisciplinaridade – Campinas, SP: Papirus – (Coleção Práxis)
- FAZENDA, I. (2008) **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 15 ed. SP; Papirus.
- JAEGER, W. (1986) **Paideia. The Ideals of Greek Culture Volume I: Archaic Greece: The Mind of Athens**. Oxford University Press, UK.
- JAPIASSU, H. (1976) . **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago
- KOSIK, K. (1995) **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra.
- MINAYO, M.C. (2010) **Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade**. *Revista Emanacipação*. V. 10(2), Ed. UEPG, Ponta Grossa/PR,
- MORIN, E. (2003) **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MUNHOZ, D. e OLIVEIRA JUNIOR, (2009) R. Interdisciplinaridade e Pesquisa . BOURGUIGNON, Jussara Ayres (org). **Pesquisa Social**: reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra Editora,
- MUNHOZ., D. (1996) Trabalho Interdisciplinar: realidade e utopia. *Revista Serviço Social e Sociedade*, ano XVII, São paulo: Cortez Editora, .
- WEBER, M. (1998) **A 'Objetividade' do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política**. In OLIVEIRA, P. de S (org.). Metodologia das Ciências Humanas. 2ª.ed.. Editora Unesp –Hucitec,